



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Anexo à Deliberação aprovada por consulta escrita em 4 de Abril de 2011 pela  
Comissão Ministerial de Coordenação dos  
Programas Operacionais Regionais do Continente**

**Alteração aos regulamentos específicos relativos a tipologias de investimento susceptíveis  
de financiamento pelos programas operacionais regionais do continente**



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Anexo 17**

**Regulamento Específico**

**Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais**

**Artigo Único**

1- O artigo 10.º do Regulamento específico “Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais”, aprovado pela Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente em 8 de Fevereiro de 2008, com as alterações aprovadas em 17 de Abril e 14 de Agosto de 2009 e em 20 de Abril de 2010, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 10.º

[...]

1. ....
2. ....
3. ....
4. Excepcionalmente, durante os anos de 2010 e 2011, a taxa máxima de co-financiamento das despesas prevista no número 1, executadas por municípios, associações de municípios, áreas metropolitanas e entidades do sector empresarial local nos termos da Lei n.º 53-F/2006, de 29 de Dezembro, é de 80%.
5. ....
6. São abrangidas pelo disposto no número 4 as operações:
  - a) Que tenham sido aprovadas antes do ano de 2010 e que ainda não estejam física e financeiramente encerradas;
  - b) Aprovadas em 2010 e em 2011.
7. ....
8. Durante o ano de 2011, as despesas que sejam incluídas em pedidos de pagamento apresentados pelos beneficiários referidos no n.º 4, beneficiam de uma taxa de co-financiamento de 85%, sendo a taxa de co-financiamento da operação ajustada no seu encerramento.



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

9. A revisão da taxa de co-financiamento da operação resultante do disposto nos números 4 e 8 deve observar o valor máximo da contribuição total de FEDER quando este constar do aviso para a apresentação de candidaturas.
10. Podem ainda ser abrangidas pelo disposto nos números 4 e 8 as operações cuja contra-partida nacional seja maioritariamente assegurada por municípios, associações de municípios, áreas metropolitanas e entidades do sector empresarial local nos termos da Lei n.º 53-F/2006, de 29 de Dezembro.»



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Comissão Ministerial de Coordenação dos  
Programas Operacionais Regionais do Continente**

**Alteração aos regulamentos específicos relativos a tipologias de investimento susceptíveis  
de financiamento pelos programas operacionais regionais do continente**

**Deliberação aprovada por consulta escrita em 4 de Abril de 2011**

O Governo e a Associação Nacional de Municípios Portugueses celebraram em 10 de Fevereiro de 2011 o Segundo Memorando de Entendimento para Promover a Execução dos Investimentos de Iniciativa Municipal no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007-2013 (QREN).

Com a celebração deste Memorando de Entendimento foi reafirmada a importância dos municípios na gestão e execução de uma importante parte dos fundos comunitários disponíveis no QREN e o seu papel estratégico nas políticas públicas de desenvolvimento, crescimento e emprego e reconhecidos os bons resultados obtidos com a celebração do primeiro acordo assinado em 09-03-2010.

O Governo definiu a meta ambiciosa de atingir uma execução do QREN de 40% no final de 2011, assegurando assim o maior ano de sempre em matéria de execução de fundos comunitários, reconhecendo que a aceleração do investimento de iniciativa municipal permanece essencial para a execução global do QREN e para o esforço de modernização estrutural do país, e que importa atingir em 2011 um contributo de execução por parte dos municípios de 500 milhões de euros de Fundos Comunitários, correspondentes a 600 milhões de euros de Investimento Total.

Para a concretização deste objectivo importa assegurar aos municípios condições adequadas para execução dos projectos, nomeadamente em matéria de condições financeiras e de acesso às verbas disponíveis, sendo este um dos objectivos motivadores da celebração do segundo Memorando de Entendimento, materializado num conjunto adicional de dezasseis iniciativas tendentes a dar continuidade à promoção da execução dos investimentos de iniciativa municipal.



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Anexo à Deliberação aprovada por consulta escrita em 4 de Abril de 2011 pela  
Comissão Ministerial de Coordenação dos  
Programas Operacionais Regionais do Continente**

**Alteração aos regulamentos específicos relativos a tipologias de investimento susceptíveis  
de financiamento pelos programas operacionais regionais do continente**



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Anexo 17**

**Regulamento Específico**

**Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais**

**Artigo Único**

1- O artigo 10.º do Regulamento específico “Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais”, aprovado pela Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente em 8 de Fevereiro de 2008, com as alterações aprovadas em 17 de Abril e 14 de Agosto de 2009 e em 20 de Abril de 2010, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 10.º

[...]

1. ....
2. ....
3. ....
4. Excepcionalmente, durante os anos de 2010 e 2011, a taxa máxima de co-financiamento das despesas prevista no número 1, executadas por municípios, associações de municípios, áreas metropolitanas e entidades do sector empresarial local nos termos da Lei n.º 53-F/2006, de 29 de Dezembro, é de 80%.
5. ....
6. São abrangidas pelo disposto no número 4 as operações:
  - a) Que tenham sido aprovadas antes do ano de 2010 e que ainda não estejam física e financeiramente encerradas;
  - b) Aprovadas em 2010 e em 2011.
7. ....
8. Durante o ano de 2011, as despesas que sejam incluídas em pedidos de pagamento apresentados pelos beneficiários referidos no n.º 4, beneficiam de uma taxa de co-financiamento de 85%, sendo a taxa de co-financiamento da operação ajustada no seu encerramento.



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

9. A revisão da taxa de co-financiamento da operação resultante do disposto nos números 4 e 8 deve observar o valor máximo da contribuição total de FEDER quando este constar do aviso para a apresentação de candidaturas.
10. Podem ainda ser abrangidas pelo disposto nos números 4 e 8 as operações cuja contra-partida nacional seja maioritariamente assegurada por municípios, associações de municípios, áreas metropolitanas e entidades do sector empresarial local nos termos da Lei n° 53-F/2006, de 29 de Dezembro.»



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

Neste contexto, tendo em conta a proposta apresentada pelo Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional, IP, e a consulta realizada às autoridades de gestão, a presente deliberação da Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente procede à alteração de um conjunto amplo de regulamentos específicos, para consagrar o aumento das taxas de co-financiamento para 80% no âmbito dos Programas Operacionais Regionais do Continente, para as regiões convergência, fixando também a bonificação adicional de 5 pontos percentuais para a despesa que seja incluída em pedidos de pagamento apresentados às autoridades de gestão no decurso de 2011.

De forma análoga, são também aumentadas para 65% as taxas de co-financiamento a praticar no decurso de 2011 nas Parcerias para a Regeneração Urbana promovidas no âmbito dos Programas Operacionais de Lisboa e do Algarve.

Assim, ao abrigo do n.º 5 do artigo 30.º do Decreto-Lei n.º 312/2007, de 17 de Setembro, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Lei n.º 74/2008, de 22 de Abril, e n.º 99/2009, de 28 de Abril, a Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente delibera o seguinte:

1. Introduzir alterações nas taxas de co-financiamento aplicáveis no âmbito dos Programas Operacionais Regionais do Continente e das tipologias de investimento a que se referem os seguintes Regulamentos Específicos:

- a) Economia Digital e Sociedade do Conhecimento (EDSC) dos Programas Operacionais Regionais do Continente;
- b) Execução do Sistema de Apoios à Modernização Administrativa;
- c) Promoção da Cultura Científica e Tecnológica e Difusão do Conhecimento;
- d) Sistema de Apoio a Áreas de Acolhimento Empresarial e Logística;
- e) Energia;
- f) Mobilidade Territorial;
- g) Equipamento para a Coesão Local;
- h) Rede de Equipamentos Culturais;
- i) Património Cultural;





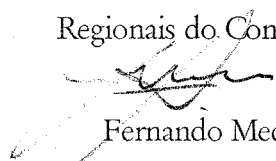
**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

- j) Política de Cidades – Parcerias para a Regeneração Urbana;
- k) Política de Cidades – Redes Urbanas para a Competitividade e Inovação;
- l) Valorização Económica dos Recursos Específicos;
- m) Acções de Valorização do Litoral;
- n) Acções de Valorização e Qualificação Ambiental;
- o) Gestão Activa de Espaços Protegidos e Classificados;
- p) Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Materiais;
- q) Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais;
- r) Reabilitação de Locais Contaminados e Zonas Extractivas;
- s) Ciclo Urbano da Água “Vertente em Baixa – Modelo Não Verticalizado”;
- t) Optimização da Gestão de Resíduos;
- u) Promoção e Capacitação Institucional;
- v) Requalificação da Rede Escolar do Ensino Básico e da Educação Pré-Escolar;
- w) Sistema de Apoio a Infra-estruturas Científicas e Tecnológicas;
- x) Sistema de Apoio a Parques de Ciência e Tecnologia e Incubadoras de Empresas de Base Tecnológica;
- y) Saúde.

2. As alterações aos regulamentos específicos referidos no número anterior constam dos anexos à presente deliberação, dela fazendo parte integrante.

3. A presente deliberação produz efeitos no dia seguinte ao da sua aprovação, devendo as alterações efectuadas aos Regulamentos Específicos ser devidamente publicitadas pelas Autoridades de Gestão dos Programas Operacionais Regionais do Continente.

O Ministro Coordenador da Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente,

  
Fernando Medina

*(ao abrigo da alínea b) do n.º 1.4 do Despacho n.º 523/2010, de 23 de Dezembro de 2009, do Ministro da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 5, de 8 de Janeiro de 2010)*



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Anexo à Deliberação aprovada por consulta escrita em 4 de Abril de 2011 pela  
Comissão Ministerial de Coordenação dos  
Programas Operacionais Regionais do Continente**

**Alteração aos regulamentos específicos relativos a tipologias de investimento susceptíveis  
de financiamento pelos programas operacionais regionais do continente**



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

**Anexo 17**

**Regulamento Específico**

**Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais**

**Artigo Único**

1- O artigo 10.º do Regulamento específico “Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais”, aprovado pela Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente em 8 de Fevereiro de 2008, com as alterações aprovadas em 17 de Abril e 14 de Agosto de 2009 e em 20 de Abril de 2010, passa a ter a seguinte redacção:

«Artigo 10.º

[...]

1. ....
2. ....
3. ....
4. Excepcionalmente, durante os anos de 2010 e 2011, a taxa máxima de co-financiamento das despesas prevista no número 1, executadas por municípios, associações de municípios, áreas metropolitanas e entidades do sector empresarial local nos termos da Lei n.º 53-F/2006, de 29 de Dezembro, é de 80%.
5. ....
6. São abrangidas pelo disposto no número 4 as operações:
  - a) Que tenham sido aprovadas antes do ano de 2010 e que ainda não estejam física e financeiramente encerradas;
  - b) Aprovadas em 2010 e em 2011.
7. ....
8. Durante o ano de 2011, as despesas que sejam incluídas em pedidos de pagamento apresentados pelos beneficiários referidos no n.º 4, beneficiam de uma taxa de co-financiamento de 85%, sendo a taxa de co-financiamento da operação ajustada no seu encerramento.



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO  
GABINETE DO SECRETÁRIO DE ESTADO ADJUNTO, DA INDÚSTRIA E DO  
DESENVOLVIMENTO**

9. A revisão da taxa de co-financiamento da operação resultante do disposto nos números 4 e 8 deve observar o valor máximo da contribuição total de FEDER quando este constar do aviso para a apresentação de candidaturas. »



## MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

*Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, da Indústria e do Desenvolvimento*

### **Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente**

#### **Alteração aos regulamentos específicos relativos a tipologias de investimento susceptíveis de financiamento pelos programas operacionais regionais do continente**

**Deliberação aprovada por consulta escrita em de 20 de Abril de 2010**

Considerando a importância do investimento público territorialmente desconcentrado para a recuperação económica, a dinamização das pequenas e médias empresas, o emprego e a modernização do país, bem como as elevadas responsabilidades que os municípios detêm na gestão e execução de uma parte importante dos fundos comunitários disponíveis no âmbito do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), o Governo e a Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) celebraram, no dia 9 de Março de 2010, um Memorando de Entendimento que integra um **Plano de Iniciativas para Promover a Execução dos Investimentos de Iniciativa Municipal no âmbito do QREN** (Plano de Iniciativas).

Este Plano de Iniciativas tem como principais objectivos acelerar, a curto prazo, a execução dos projectos de iniciativa municipal no âmbito do QREN e reforçar o reconhecimento dos municípios, nomeadamente através das comunidades intermunicipais, enquanto parceiros estratégicos das políticas públicas de desenvolvimento, crescimento e emprego.

A consecução destes objectivos traduz-se na adopção de dezoito iniciativas constantes do Plano de Iniciativas (Iniciativas), algumas das quais estabelecem, como pressuposto necessário da sua implementação, a alteração de regulamentos específicos que definem o regime de acesso aos apoios concedidos pelos programas operacionais regionais do continente.

Neste contexto, tendo em conta a proposta apresentada pelo Instituto Financeiro para o Desenvolvimento Regional, I.P., e a consulta realizada às autoridades de gestão dos programas operacionais regionais, a presente deliberação da Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente procede à alteração dos mencionados regulamentos específicos de acordo com as Iniciativas que prevêm a sua implementação em



## MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

*Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, da Indústria e do Desenvolvimento*

regulamento específico e que não são específicas a uma determinada tipologia de investimento, designadamente a utilização da modalidade de acesso de “balcão permanente”, o aumento das taxas de co-financiamento para 80% no âmbito dos programas operacionais regionais das regiões convergência, a possibilidade de transição de projectos com aprovação condicionada no 3.º Quadro Comunitário de Apoio, e a simplificação dos processos de emissão dos pareceres sectoriais.

Assim, ao abrigo do n.º 5 do artigo 30.º do Decreto-lei n.º 312/2007, de 17 de Setembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-lei n.º 74/2008, de 22 de Abril, e pelo Decreto-Lei n.º 99/2009, de 28 de Abril, a Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente delibera aprovar o seguinte:

1. A presente deliberação introduz alterações na modalidade de apresentação de candidaturas, nas taxas de co-financiamento aplicáveis, na elegibilidade das operações, e na emissão dos pareceres sectoriais que integram o processo de análise e decisão das candidaturas, no âmbito dos programas operacionais regionais do continente e das tipologias de investimento a que se referem os seguintes regulamentos específicos:

- a) Economia Digital e Sociedade do Conhecimento (EDSC) dos Programas Operacionais Regionais do Continente;
- b) Execução do Sistema de Apoios à Modernização Administrativa;
- c) Promoção da Cultura Científica e Tecnológica e Difusão do Conhecimento;
- d) Sistema de Apoio a Áreas de Acolhimento Empresarial e Logística;
- e) Energia;
- f) Mobilidade Territorial;
- g) Equipamento para a Coesão Local;
- h) Rede de Equipamentos Culturais;
- i) Património Cultural;
- j) Política de Cidades – Parcerias para a Regeneração Urbana;
- k) Política de Cidades – Redes Urbanas para a Competitividade e Inovação;
- l) Valorização Económica dos Recursos Específicos;
- m) Acções de Valorização do Litoral;
- n) Acções de Valorização e Qualificação Ambiental;
- o) Gestão Activa de Espaços Protegidos e Classificados;



## MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

*Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, da Indústria e do Desenvolvimento*

- p) Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Materiais;
  - q) Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais;
  - r) Reabilitação de Locais Contaminados e Zonas Extractivas;
  - s) Ciclo Urbano da Água “Vertente em Baixa – Modelo Não Verticalizado”;
  - t) Optimização da Gestão de Resíduos;
  - u) Promoção e Capacitação Institucional.
2. As alterações aos regulamentos específicos referidas no número anterior são as constantes dos anexos à presente deliberação, da qual fazem parte integrante.
3. A presente deliberação produz efeitos no dia seguinte ao da sua aprovação, devendo as alterações efectuadas aos regulamentos específicos ser devidamente publicitadas pelas autoridades de gestão dos programas operacionais regionais do continente.

O Ministro Coordenador da Comissão Ministerial de Coordenação dos  
Programas Operacionais Regionais do Continente

Fernando Medina

*(ao abrigo da alínea b) do número 1.4 do Despacho n.º 523/2010, de 23 de Dezembro, do Ministro da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 5, de 8 de Janeiro de 2010)*



MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, da Indústria e do Desenvolvimento

Anexo 17

Regulamento Específico

Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais

Artigo Único

- 1- Os artigos 6.º, 10.º e 11.º do Regulamento específico “Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais”, aprovado pela Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente em 8 de Fevereiro de 2008, com as alterações aprovadas em 17 de Abril e 14 de Agosto de 2009, passam a ter a seguinte redacção:

«Artigo 6.º

[...]

- 1- .....
- 2- .....
- a) .....
- b) .....
- c) *(Revogada.)*
- d) *(Revogada.)*
- e) .....
- f) .....
- g) *(Revogada.)*
- 3- .....
- 4- .....

Artigo 10.º

[...]

- 1- .....
- 2- .....
- 3- .....
- 4- Excepcionalmente, durante o ano de 2010, a taxa máxima de co-financiamento das despesas previstas no n.º 1 executadas por municípios, associações de municípios, áreas metropolitanas e entidades do sector empresarial com a participação dos municípios é de 80%.



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO**

*Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, da Indústria e do Desenvolvimento*

- 5- O disposto no número anterior tem um âmbito territorial de aplicação correspondente aos Programas Operacionais Regionais do Norte, do Centro e do Alentejo.
- 6- São abrangidas pelo disposto no n.º 4 as operações:
  - a) Que tenham sido aprovadas antes do ano de 2010 e que ainda não estejam física e financeiramente encerradas;
  - b) Aprovadas em 2010.
- 7- O disposto no n.º 4 vigora desde a data de aprovação da operação até ao seu encerramento.

Artigo 11.º

[...]

- 1- .....
  - 2- No âmbito dos contratos com subvenção global celebrados pelas Autoridades de Gestão dos programas operacionais regionais do continente com as comunidades intermunicipais e a Área Metropolitana do Porto, a apresentação de candidaturas processa-se em contínuo.
  - 3- Por deliberação da Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente, poderá também ser adoptada a modalidade de submissão das candidaturas em contínuo, referida no número anterior, para outras operações.
  - 4- (*Anterior n.º 3.*)
  - 5- (*Anterior n.º 4.*)
  - 6- (*Anterior n.º 5.*)
  - 7- (*Anterior n.º 6.*)»
- 2- É aditado o artigo 15.º-A ao Regulamento específico “Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos – Acções Imateriais”, aprovado pela Comissão Ministerial de Coordenação dos Programas Operacionais Regionais do Continente em 8 de Fevereiro de 2008, com as alterações aprovadas em 17 de Abril e 14 de Agosto de 2009, com a seguinte redacção:

«Artigo 15.º-A

Pareceres

Sempre que no processo de análise e de decisão seja necessária a adopção de pareceres sectoriais, obrigatórios e não vinculativos, os mesmos devem ser



**MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO**

*Gabinete do Secretário de Estado Adjunto, da Indústria e do Desenvolvimento*

solicitados pela Autoridade de Gestão com a indicação de um prazo para a sua emissão, findo o qual, na sua ausência, a Autoridade de Gestão dá continuidade ao referido processo.»

## CAPITULO I

### DISPOSIÇÕES GERAIS

#### Artigo 1º

##### Objecto

O presente regulamento estabelece as condições de acesso das operações a apoiar no âmbito da Prevenção e Gestão de Riscos Naturais e Tecnológicos, para:

- a) Estudos, inventariação e cartografia das zonas de risco relevantes, à escala adequada ao planeamento de emergência;
- b) Elaboração de planos de emergência de protecção civil;
- c) Acções de divulgação e sensibilização direccionadas para o domínio da protecção civil.

#### Artigo 2º

##### Âmbito

1. As operações a apoiar no âmbito deste Regulamento são as enquadráveis nos seguintes Eixos Prioritários e Programas: Eixo 3 - Valorização e Qualificação Ambiental e Territorial do Programa Operacional Regional do Norte; Eixo 4 - Protecção e Valorização Ambiental, do Programa Operacional Regional do Centro, Eixo 2 - Sustentabilidade Territorial, do Programa Operacional Regional de Lisboa, Eixo 4 - Qualificação Ambiental e Valorização do Espaço Rural, do Programa Operacional Regional do Alentejo e Eixo 2 - Protecção e Qualificação Ambiental, do Programa Operacional Regional do Algarve.

#### Artigo 3º

##### Tipologia de operações

São elegíveis, neste âmbito, operações dirigidas a um ou vários dos riscos definidos no Quadro I e abrangendo uma ou várias das componentes referidas em seguida:

- a) Avaliação da susceptibilidade, entendida como a probabilidade de ocorrência de um fenómeno perigoso numa dada área;

- b) Avaliação da perigosidade, entendida como a possibilidade de ocorrência de um fenómeno perigoso, num determinado período de tempo e numa dada área;
- c) Avaliação da vulnerabilidade, entendida como o grau de perda de um elemento ou conjunto de elementos expostos (pessoas, bens ou ambiente) a um perigo de determinada magnitude;
- d) Avaliação de risco, entendida como probabilidade de ocorrência de um fenómeno perigoso e respectiva estimativa das suas consequências sobre pessoas, bens ou ambiente, expressas em danos corporais e/ou prejuízos materiais, directos ou indirectos;
- e) Criação e revisão de planos de emergência de âmbito municipal;
- f) Estudos e criação de instrumentos de âmbito regional e municipal, destinados a suprir as lacunas existentes tanto na área da protecção civil, como na identificação de forma sistemática e à escala adequada, dos diferentes riscos do território;
- g) Divulgação e sensibilização no domínio da protecção civil, de âmbito regional e municipal, com o intuito de melhorar o grau de conhecimento e de preparação da população no que respeita aos riscos a que está exposta.

#### **Artigo 4º**

##### **Beneficiários**

##### **1. São beneficiários do presente Regulamento:**

- a) Governos Cívicos;
- b) Organismos da Administração Central Desconcentrada;
- c) Municípios;
- d) Agrupamentos de Municípios;
- e) Associações de Municípios;
- f) Associações Humanitárias de Bombeiros;

- g) Entidades privadas no quadro de parcerias público-privadas lideradas por entidades municipais.
- 2. Em casos justificados, podem as entidades referidas no número anterior candidatar-se, em regime de parceria entre si ou com entidades terceiras de reconhecido mérito, cuja actividade possua especial relevância para a implementação e desenvolvimento da operação.

## Capítulo II

### ELEGIBILIDADE DOS BENEFICIÁRIOS, DAS OPERAÇÕES E DAS DESPESAS

#### Artigo 5º

##### Condições de admissão e de aceitação dos beneficiários

- 1. Os beneficiários devem satisfazer as condições previstas no artigo 10.º do Regulamento Geral FEDER e Fundo de Coesão.
- 2. Para além das condições gerais referidas no número 1, os beneficiários devem reunir, à data da candidatura, os seguintes requisitos específicos:
  - a) A sua área geográfica de intervenção ser compatível com o âmbito territorial do Programa;
  - b) Possuir capacidade financeira para a realização das operações que se propõe concretizar, traduzida na inscrição de verbas adequadas em Orçamento e Plano de Actividades;
  - c) Comprovar a situação tributária relativa ao regime do IVA a que se encontra sujeito;
  - d) Comprometer-se a assegurar o cumprimento de todas as disposições contratuais e regulamentares associadas ao co-financiamento FEDER.

## Artigo 6º

### Condições de admissão e de aceitação das operações

1. As operações devem satisfazer as condições previstas no artigo 11.º do Regulamento Geral FEDER e Fundo de Coesão.
2. As operações candidatas a financiamento têm ainda de cumprir as seguintes condições gerais de acesso:
  - a) Serem apresentadas nos termos e condições a divulgar pela Autoridade de Gestão;
  - b) Cumprirem todos os requisitos administrativos formais relativos ao processo de candidatura;
  - c) Não estarem concluídas física e financeiramente à data da apresentação da candidatura;
  - d) Não apresentarem programação financeira para um período superior a dois anos;
  - e) Não incluírem despesas anteriores a 1 de Janeiro de 2007;
  - f) Apresentarem adequada cobertura orçamental;
  - g) Não constituírem candidatura financiada ou apresentada para financiamento a outro programa comunitário.
3. Para além das condições gerais referidas nos número anteriores, uma operação tem de cumprir as seguintes condições específicas de acesso:
  - a) Estar em conformidade com o disposto no artigo 1º e prevista na tipologia de operações a que se candidata;
  - b) Justificar a necessidade de realização do investimento, demonstrando coerência na fundamentação da sua necessidade e da oportunidade da sua realização;
  - c) Demonstrar o cumprimento das disposições legais, nacionais e comunitárias, nos procedimentos de contratação pública já concluídos ou a decorrer e incluir declaração de compromisso para aqueles a realizar, quando aplicável;
  - d) Demonstrar o cumprimento das disposições legais, nacionais e comunitárias, no domínio do ambiente e ordenamento do território, quando aplicável;
  - e) Incluir declaração de compromisso pelo respeito da legislação nacional e comunitária em matéria de igualdade de oportunidades, informação e publicidade.
4. São, ainda, condições específicas de acesso:

- a) Nas operações apresentadas no domínio da protecção civil, possuir parecer técnico favorável da Autoridade Nacional de Protecção Civil, no que se refere à componente técnica, à adequação às políticas regionais de protecção civil e tendo em conta os riscos existentes;
- b) Nas restantes operações, possuir parecer técnico favorável da CCDR territorialmente competente;
- c) Nas operações de inventariação e cartografia de zonas de susceptibilidade, perigosidade, vulnerabilidade e de riscos, apenas serão admissíveis candidaturas que contemplem a realização de estudos detalhados, compatíveis com a elaboração de cartas temáticas, na escala de 1:25.000 ou de maior pormenor, designadamente nas escalas de planeamento municipal/local;
- d) Excepcionalmente, podem ser admitidas outras escalas que se mostrem mais adequadas ao âmbito espacial do estudo e à natureza do risco.

## **Artigo 7º**

### **Critérios de selecção**

- 1. As operações candidatas serão apreciadas e hierarquizadas em função dos critérios de selecção, definidos no Anexo I do presente regulamento, e com base em metodologia específica definida no aviso de abertura de concurso.
- 2. Os prazos inerentes aos procedimentos de análise das candidaturas e da comunicação da decisão ao beneficiário serão definidos pelas Autoridades de Gestão, em Aviso de abertura de concurso ou nas respectivas orientações técnicas a divulgar de forma alargada.

## **Artigo 8º**

### **Despesas Elegíveis**

- 1. São elegíveis as despesas realizadas entre 1 de Janeiro de 2007 e 31 de Dezembro de 2015, que directa e justificadamente contribuam para a realização das operações aprovadas pela Autoridade de Gestão no âmbito do presente regulamento, suportadas por documentos contabilísticos que respeitem a legislação nacional e comunitária em vigor.

2. Para a realização das operações referidas no número anterior, são elegíveis as seguintes tipologias de despesa:

- a. Estudos, planos, projectos e assessorias na área da protecção civil;
- b. Inventariação e cartografia das zonas de risco relevantes;
- c. Acções de divulgação e sensibilização direccionadas para o domínio da protecção civil.
- d. Outras despesas imprescindíveis à boa execução da operação, desde que sejam devidamente fundamentadas e discriminadas pelo beneficiário e aprovadas pela Autoridade de Gestão.

### **Artigo 9º**

#### **Despesas não Elegíveis**

1. Constituem despesas não elegíveis as que se encontram definidas no artigo 7º do Regulamento CE n.º 1080/2006 de 5 de Julho, relativo ao FEDER, bem como as previstas no artigo 6º e no Anexo II do Regulamento Geral FEDER e Fundo de Coesão.
2. Para além das despesas não elegíveis, referidas no número anterior, não são também objecto de qualquer apoio financeiro as que tenham sido desenvolvidas sem o respeito pelas regras e princípios definidos na legislação comunitária e nacional nos seguintes domínios:
  - i) Contratação pública;
  - ii) Ambiente e ordenamento do território;
  - iii) Acesso e utilização de Fundos Comunitários;
  - iv) Concorrência e igualdade de oportunidades.



## Artigo 10º

### Financiamento das despesas elegíveis

1. A taxa máxima de co-financiamento FEDER para as operações apoiadas é de 70 %.
2. A contrapartida nacional é assegurada através de participação financeira suportada pelo beneficiário.
3. O tipo de co-financiamento reveste a forma de ajuda não reembolsável.

## CAPITULO III

### PROCESSO DE ATRIBUIÇÃO DE FINANCIAMENTO

## Artigo 11º

### Apresentação das candidaturas

1. As candidaturas serão apresentadas através de concurso, nos termos e condições a definir pela Autoridade de Gestão e a divulgar adequadamente.
2. No caso das operações de cariz inter-municipal promovidas pelas Comunidades Inter-Municipais/ Associações de Municípios signatárias de contratos de delegação de competências com subvenção global, a apresentação de candidaturas processa-se, a título excepcional, através de convite prévio da Autoridade de Gestão do POR às Associações de Municípios.
3. As candidaturas devem ser formalizadas, junto da Autoridade de Gestão do PO respectivo, através de formulário próprio disponível na Internet e seguir as indicações nele expressas.
4. As candidaturas devem ser acompanhadas de todos os documentos necessários à respectiva instrução, previstos no presente Regulamento, bem como outros que forem indicados no formulário.

5. A Autoridade de Gestão pode solicitar documentos complementares que se destinem a completar a informação prestada ou a esclarecer aspectos da candidatura que não permitam uma apreciação fundamentada.
6. A Autoridade de Gestão comunica ao proponente a recepção da candidatura.

## Artigo 12º

### Verificação das condições de admissão e de aceitação

1. As condições de admissão e aceitação dos beneficiários e das candidaturas são analisadas pelo Secretariado Técnico da Autoridade de Gestão ou por entidade por ela designada para esse efeito, de acordo com a legislação em vigor e tendo em conta o estabelecido no presente Regulamento.
2. O resultado da análise referida no número anterior é comunicado ao proponente.
3. Em caso de não aceitação ou de não admissão dos beneficiários ou das candidaturas, a Autoridade de Gestão comunica ao proponente a sua decisão devidamente fundamentada, aplicando os procedimentos previstos no Código do Procedimento Administrativo.

## Artigo 13º

### Análise e selecção

1. As candidaturas admitidas são objecto de análise pelo Secretariado Técnico de acordo com a legislação em vigor, tendo em conta os critérios e os valores máximos de referência previstos no presente Regulamento e respectivos Anexos, de que resultará um parecer técnico e uma proposta de decisão.
2. Na apreciação das operações, efectuada com base nos critérios referidos no artigo 7º, são atribuídas pontuações reflectindo o adequado enquadramento no âmbito do Programa e o real contributo para o alcance dos objectivos nele definidos.

## Artigo 14º

### Decisão

1. Após a análise efectuada nos termos do artigo anterior, as candidaturas são apresentadas à Comissão Directiva do PO respectivo para aprovação ou indeferimento ou para proposta de aprovação pela Comissão Ministerial de Coordenação dos PO Regionais do Continente.
2. A Autoridade de Gestão ou entidade por ela designada, comunica formalmente ao proponente a decisão relativa a cada candidatura apresentada, aplicando, em caso de decisão desfavorável, o Código do Procedimento Administrativo.
3. Em caso de delegação de competências da Autoridade de Gestão noutra entidade, as decisões tomadas pela entidade delegada são sujeitas a confirmação pela Autoridade de Gestão, sendo que, em caso de decisão desfavorável, a referida confirmação ocorrerá findo o procedimento de audiência prévia.
4. Na comunicação formal da decisão favorável de financiamento da candidatura, a efectuar por parte Autoridade de Gestão ou da entidade por ela designada ao proponente, deve constar:
  - a. Identificação do beneficiário;
  - b. Designação da operação;
  - c. A descrição dos objectivos e dos indicadores de realização e de resultado a alcançar com a operação;
  - d. O tipo de ajuda a conceder (ajuda não reembolsável);
  - e. O montante máximo de apoio FEDER a atribuir, resultante da aplicação da taxa de co-financiamento ao montante da despesa elegível aprovada;
  - f. A identificação das componentes a co-financiar, suas especificações e respectiva despesa elegível;
  - g. A programação financeira anual aprovada;
  - h. Explicitação das fontes de financiamento nacional;
  - i. As datas de início e conclusão da operação.
5. Após a aceitação formal da síntese da aprovação constante do número anterior, a Autoridade de Gestão promove a tramitação necessária à celebração do contrato com o beneficiário.

## Artigo 15º

### Alterações à decisão de aprovação

1. O financiamento pode, em situações excepcionais, ser objecto de pedido de alteração à decisão, nomeadamente nos casos de alteração do calendário da sua realização ou modificação das condições.
2. Os pedidos de alteração à decisão devem ser formalizados no ano em que se pretende que tenham efeito, mediante a apresentação de documento escrito que contenha informação detalhada sobre os fundamentos e a necessidade de alteração e permita verificar que, quer as componentes quer os objectivos da candidatura inicialmente aprovados, se mantêm inalterados.
3. Os pedidos de alteração das operações aprovadas que incluam o reforço do co-financiamento FEDER atribuído às operações, devem ser devidamente fundamentados pelos beneficiários e objecto de análise técnica nos termos determinados pela Autoridade de Gestão, sendo decididos pela mesma entidade que aprovou a decisão inicial.
4. Os pedidos de alteração à decisão de aprovação que sejam aprovados são objecto de emissão de novo contrato de comparticipação financeira ou de adenda ao contrato original.
5. Para cada operação aprovada é aceite um número limitado de pedidos de alteração à decisão:
  - a) Um pedido, para operações com prazo de execução até um ano;
  - b) Dois pedidos, para operações com duração plurianual.
6. Apenas em situações de fundamentada excepcionalidade pode a Autoridade de Gestão aceitar um número superior de pedidos de alteração à decisão.

## Artigo 16º

### Notificação

A decisão de financiamento é comunicada, por escrito, à entidade proponente, no prazo de oito dias úteis a contar da data em que é tomada.

## Artigo 17º

### Contratação de financiamento

1. A contratação do financiamento é formalizada através de contrato de financiamento.
2. A não assinatura do contrato, por razões imputáveis ao beneficiário, no prazo de 20 dias úteis contados da data do respectivo envio, determina a caducidade da decisão de concessão de apoio.

## Artigo 18º

### Revogação da Decisão de Financiamento

1. A entidade que decidiu a aprovação da operação pode revogar essa decisão pelos seguintes motivos:
  - a) Não execução do investimento nos termos aprovados, por causa imputável ao beneficiário, designadamente por incumprimento dos objectivos e obrigações estabelecidos no contrato de comparticipação financeira, incluindo os prazos relativos ao início da realização do investimento e à sua conclusão;
  - b) Viciação de dados na fase de candidatura e na fase de acompanhamento do investimento, nomeadamente quanto a elementos justificativos das despesas;
  - c) Incumprimento, por facto imputável ao beneficiário, das respectivas obrigações legais e fiscais;
  - d) Incumprimento da obrigação de contabilizar a comparticipação, de acordo com as regras do plano de contabilidade, em vigor no momento em que os movimentos são lançados;
  - e) Recusa da prestação de informações e/ou de elementos de prova que forem solicitados à entidade beneficiária, ou prestação com má-fé de informações falsas e elementos inexactos sobre factos relevantes, tanto na fase de candidatura como na de execução e acompanhamento do investimento;
  - f) A execução da operação aprovada não tiver tido início no prazo máximo de 180 dias, contados seguidos, após a assinatura do contrato de comparticipação financeira, salvo em casos devidamente fundamentados e desde que a fundamentação invocada seja aceite pela Autoridade de Gestão.

2. A revogação da decisão de financiamento implica:
- a) A resolução do contrato de comparticipação financeira;
  - b) A restituição da totalidade da comparticipação concedida, ponderada a situação em causa, sendo o beneficiário obrigado, no prazo de 30 dias, contados seguidos, da data do recebimento da respectiva notificação, a repor a importância a devolver, acrescida de juros compensatórios à taxa aplicável a operações activas de idêntica duração.

## Artigo 19º

### Pagamentos

1. O pagamento dos apoios financeiros é feito, por ordem da Autoridade de Gestão ao IFDR, IP, que efectuará a transferência para a conta bancária do beneficiário, específica para pagamentos do FEDER.
2. Os pagamentos são efectuados a título de reembolso, na sequência da apresentação dos pedidos de pagamento, acompanhados de cópia dos documentos de despesa realizada e paga pelo beneficiário (factura e recibo), ou a título de adiantamento, mediante a apresentação das respectivas facturas, nos termos do previsto no artigo 23º do Regulamento Geral do FEDER e Fundo de Coesão.
3. Os pagamentos podem ser efectuados até ao limite de 95% da comparticipação do FEDER aprovada para o projecto, sendo o pagamento do saldo autorizado após a apresentação do Relatório Final pelo beneficiário e confirmação de boa execução da operação.
4. O incumprimento do prazo previsto na alínea b) do nº 4 do artigo 23º do Regulamento Geral do FEDER e Fundo de Coesão, determina a suspensão de todos os pagamentos de comparticipação comunitária ao beneficiário, no âmbito do respectivo PO, até à regularização da situação.

## CAPITULO IV

### ACOMPANHAMENTO E CONTROLO

#### Artigo 20º

##### Acompanhamento e controlo

1. As operações aprovadas ficam sujeitas a acções de acompanhamento, controlo, auditoria e avaliação, por parte da Autoridade de Gestão do PO respectivo ou por qualquer entidade por ela designada, bem como pelas entidades com competência em matéria de acompanhamento, controlo e avaliação dos fundos comunitários envolvidos.
2. A operação considera-se concluída física e financeiramente quando todos os trabalhos se encontrarem terminados e entregues ao beneficiário e quando a totalidade da despesa correspondente estiver integralmente paga e justificada junto da Autoridade de Gestão.

#### Artigo 21º

##### Obrigações dos beneficiários das operações

1. Sem prejuízo do disposto no artigo 19º do Regulamento Geral do FEDER e do Fundo de Coesão, os beneficiários de qualquer tipo de apoio ficam obrigados:
  - a) A executar a operação nos moldes previstos na decisão de aprovação e, quando aplicável, com as alterações subsequentemente aprovadas;
  - b) A cumprir o calendário de execução da operação indicado na decisão de aprovação ou reprogramação em vigor;
  - c) A apresentar relatórios de progresso das operações co-financiadas nos termos que forem definidos pela Autoridade de Gestão;

- d) A apresentar, no prazo de noventa dias, contados seguidos, após a conclusão da operação:
- (i) Pedido de Pagamento do Saldo Final da operação;
  - (ii) Relatório final da Operação, através de formulário normalizado, para o efeito disponibilizado pela Autoridade de Gestão, e que deverá ser acompanhado de fotografias e outros elementos de natureza qualitativa e quantitativa, que permitam a análise e avaliação da relação entre o investimento efectuado e a expressão física da operação, bem como os resultados do mesmo;
- e) Permitir o acesso aos locais de realização do investimento e das acções e àqueles onde se encontrem os elementos e documentos necessários, nomeadamente os de despesa, para o acompanhamento e controlo por parte das entidades referidas no número 1 do artigo anterior;
- f) Proceder à publicitação dos apoios que lhe forem atribuídos;
- g) Proceder à reposição dos montantes objecto de correcção financeira decidida pelas entidades competentes, nos termos que vierem a ser definidos pelas mesmas e que constarão da notificação formal da constituição de dívida.
2. Todos os apoios financeiros concedidos ficam sujeitos ao acompanhamento e controlo da sua utilização, em conformidade com o projecto de investimento, nas suas componentes material, financeira e contabilística.
3. Os beneficiários ficam, ainda, obrigados à conservação do *dossier* da operação, com toda a documentação obrigatória, nomeadamente os documentos comprovativos das despesas realizadas e das participações recebidas, bem como das auditorias relativas à operação durante o período definido na legislação nacional ou, se este for insuficiente, durante um período mínimo de 3 anos após o encerramento parcial ou total do Programa.
4. Os bens e serviços adquiridos no âmbito das operações não podem, durante o período de vigência do contrato, ser afectos a outras finalidades, nem locados, alienados ou por qualquer modo onerados, no todo ou em parte, sem prévia autorização da autoridade de gestão.



## Artigo 22º

### Informação e publicidade

1. As operações que vierem a merecer o apoio do FEDER devem referenciar, de forma visível, o apoio concedido, em conformidade com as disposições regulamentares em matéria de informação e publicidade dos Fundos Estruturais.
2. Os beneficiários são responsáveis por apresentar à Autoridade de Gestão, em sede dos relatórios de execução e sempre que solicitado, indicadores e demonstrações de realização (materiais ou fotográficas) e, sempre que possível, de impacto das acções de comunicação (informação e publicidade) realizadas no âmbito da operação ou sobre a sua execução.
3. Para cumprimento do previsto no artigo 21º do Regulamento Geral FEDER e Fundo de Coesão, o fornecimento de informação por parte das autoridades de gestão às entidades públicas com competência para acompanhar a implementação do QREN será concretizado de forma desmaterializada, por meio de disponibilização de acesso aos respectivos sistemas de informação.

## CAPITULO V

### DISPOSIÇÕES FINAIS E TRANSITÓRIAS

## Artigo 23º

### Dúvidas e omissões

As dúvidas ou omissões são apreciadas pelas Autoridades de Gestão dos respectivos PO, precedendo parecer das entidades competentes do Ministério da Administração Interna ou do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e do Desenvolvimento Regional, em observância da regulamentação nacional e comunitária aplicáveis ao QREN, da correspondente legislação nacional de execução e da decisão de aprovação do respectivo Programa Operacional.

## **Artigo 24º**

### **Regulamento Geral FEDER e Fundo de Coesão**

O Regulamento Geral FEDER e Fundo de Coesão prevalece sobre o presente Regulamento que deve ser aplicado e interpretado em conformidade com as suas normas.

## **Artigo 25º**

### **Aprovação, entrada em vigor e forma de revisão**

1. O presente Regulamento é aprovado por decisão da Comissão Ministerial de Coordenação dos PO Regionais do Continente.
2. O presente Regulamento entra em vigor no dia imediato ao da sua aprovação.
3. A revisão do presente Regulamento pode ser desencadeada em qualquer momento, por iniciativa da Autoridade de Gestão ou por determinação da Comissão Ministerial referida no número 1.
4. As revisões do presente Regulamento são aprovadas pela Comissão Ministerial referida no número 1.

## ANEXO I

### Critérios de selecção

São critérios de selecção:

- a) Relevância regional do tipo de perigo considerado, de acordo com o estabelecido no Quadro I do regulamento específico;
- b) Relevância sub-regional do perigo considerado, de acordo com o estabelecido no Quadros II do regulamento específico;
- c) Operações que contemplem a candidatura conjunta de vários municípios;
- d) Operações que contribuam para o reforço da capacidade de previsão e que incluam instrumentos fiáveis de planeamento de emergência;
- e) Operações com carácter inovador para a protecção civil, numa lógica de eficiência e eficácia dos serviços;
- f) Operações que privilegiem a análise multi-risco, seja na inventariação e cartografia de zonas de susceptibilidade, perigosidade, vulnerabilidade e riscos, seja nas acções de divulgação e sensibilização direccionadas para o domínio da protecção civil;
- g) Operações de inventariação e cartografia de zonas de riscos relevantes, de apoio ao ordenamento do território ou ao planeamento de emergência, que contemplem a realização de estudos detalhados, compatíveis com a elaboração de cartas temáticas, na escala 1:10.000, ou excepcionalmente outra, que se mostre mais adequada ao âmbito espacial da carta ou do estudo e à natureza do risco;
- h) Operações de inventariação e cartografia de zonas de susceptibilidade, perigosidade ou risco que prevejam a definição dos respectivos usos compatíveis.

Quadro I

TIPOLOGIA DE PERIGOS POR REGIÕES (NUTS II)

Tipos de perigos	NUTS II				
	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve
Sismos	3	2	1	2	1
Radiológicos (radão)	3	3	X	X	X
Tsunamis	3	3	2	2	2
Erosão do litoral	1	1	1	3	1
Movimentos de massa	1	2	1	3	2
Cheias e inundações	1	1	1	1	1
Secas	3	2	X	1	1
Ondas de calor	2	2	2	2	2
Vagas de frio	3	3	X	3	3
Incêndios florestais	1	1	2	2	2
Contaminação de aquíferos	3	2	2	1	1
Degradação dos solos	2	2	3	1	2
Desertificação	3	2	X	1	1
Incêndios urbanos e industriais	2	2	2	3	3
Acidentes em estabelecimentos industriais perigosos	2	2	1	2	3
Acidentes no transporte de substâncias perigosas	2	2	2	2	2
Colapso de estruturas (barragens, diques, pontes e viadutos)	2	2	3	2	3

Prioridades: 1 Muito elevada; 2 Elevada; 3 Média; X Não prioritário

**Quadro II**

**MATRIZ DE PRIORIDADES DE INVENTARIAÇÃO POR TIPOLOGIA DE PERIGOS POR REGIÕES (NUTS III)**

**REGIÃO NORTE**

Tipologia de perigos	NUT III							
	111	112	113	114	115	116	117	118
Sismos	3	3	3	3	3	3	2	3
Radiológicos (radão)	3	3	3	3	3	3	3	2
Tsunamis	3	3	X	3	X	X	X	X
Erosão do litoral	1	1	X	1	X	X	X	X
Movimentos de massa	1	1	1	1	1	1	1	1
Cheias e inundações	1	1	1	1	1	1	1	3
Secas	3	3	3	3	3	3	1	1
Ondas de calor	2	2	2	2	2	2	2	2
Vagas de frio	3	3	3	3	3	3	3	3
Incêndios florestais	1	1	1	1	1	1	1	1
Contaminação de aquíferos	3	3	3	3	3	3	3	3
Degradação dos solos	2	2	2	2	2	2	2	2
Desertificação	3	3	3	X	3	3	2	2
Incêndios urbanos e industriais	2	2	2	2	2	2	2	2
Acidentes em estabelecimentos industriais perigosos	3	3	3	1	3	3	3	3
Acidentes no transporte de substâncias perigosas	2	2	2	1	2	2	3	3
Colapso de estruturas (barragens, diques, pontes e viadutos)	2	2	2	2	2	2	2	2

Prioridades: 1 Muito elevada, 2 Elevada, 3 Média, X Não prioritário

**REGIÃO CENTRO**

Tipologias de perigos	NUTS III											
	161	162	163	164	165	166	167	168	169	16A	16B	16C
Sismos	3	2	2	2	3	2	3	3	2	3	1	2
Radiológicos (radão)	3	3	3	2	1	2	1	1	2	1	3	2
Tsunamis	3	3	2	x	x	x	x	x	x	x	2	x
Erosão no litoral	1	1	1	x	x	x	x	x	x	x	1	x
Movimentos de massa	2	2	2	1	2	2	2	3	3	2	1	1
Cheias e inundações	1	1	1	2	2	3	3	3	3	2	2	1
Secas	3	3	3	2	2	2	1	1	1	1	3	2
Ondas de calor	3	3	3	2	2	2	2	1	1	1	3	2
Vagas de frio	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	3	2
Incêndios florestais	2	2	2	1	1	1	1	1	1	1	2	1
Contaminação de aquíferos	1	1	1	x	x	x	x	x	x	x	1	1
Degradação dos solos	1	1	1	2	1	3	3	1	1	1	1	2
Desertificação	3	3	3	1	2	1	1	1	1	2	3	2
Incêndios urbanos e industriais	1	1	1	2	1	3	2	2	2	1	1	1
Acidentes em estabelecimentos industriais	1	2	1	2	1	3	2	3	2	2	1	1

perigosos												
Acidentes no transporte de substâncias perigosas	1	1	1	2	1	3	2	3	2	2	1	1
Colapso de estruturas (barragens, diques, pontes e viadutos)	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2

Prioridades: 1- Muito Elevada; 2 - Elevada; 3 - Média; x - Não prioritário

**REGIÃO DE LISBOA**

Tipos de perigos	NUTS III	
	171	172
Sismos	1	1
Radiológico (radão)	X	X
Tsunamis	2	2
Erosão do litoral	2	1
Movimentos de massa	1	3
Cheias e inundações	1	2
Secas	X	X
Ondas de calor	2	2
Geadas	X	X
Incêndios florestais	2	3
Contaminação de aquíferos	X	1
Degradação dos solos	3	3
Desertificação	X	X
Incêndios urbanos e industriais	1	2
Acidentes em estabelecimentos industriais perigosos	2	2
Acidentes no transporte de substâncias perigosas	3	3
Colapso de estruturas (barragens, diques, pontes e viadutos)	3	3

Prioridades: 1 Muito Elevada; 2 Elevada; 3 Média; X Não prioritário



**REGIÃO DO ALENTEJO**

Tipos de perigos	NUTS III				
	181	182	183	184	185
Sismos	1	2	2	2	1
Radiológicos (radão)	X	2	X	X	X
Tsunamis	2	X	X	X	2
Erosão do litoral	2	X	X	X	X
Movimentos de massa	3	2	3	3	3
Cheias e inundações	1	2	2	1	1
Secas	1	1	1	1	1
Ondas de calor	2	2	1	1	2
Vagas de frio	3	3	3	3	3
Incêndios florestais	2	2	3	3	2
Contaminação de aquíferos	1	2	3	3	1
Degradação dos solos	2	2	2	1	3
Desertificação	2	2	2	1	3
Incêndios urbanos e industriais	3	3	2	3	2
Acidentes em estabelecimentos industriais perigosos	1	3	3	3	2
Acidentes no transporte de substâncias perigosas	1	2	3	3	1
Colapso de estruturas (barragens, diques, pontes e viadutos)	2	3	3	2	2

Prioridades: 1- Muito Elevada; 2 - Elevada; 3 - Média; x - Não prioritário

**REGIÃO DO ALGARVE**

	NUTS III
<b>Tipos de perigos</b>	<b>150</b>
Sismos	1
Radiológico (radão)	X
Tsunamis	2
Erosão do litoral	1
Movimentos de massa	2
Cheias e inundações	1
Secas	1
Ondas de calor	2
Geadas	3
Incêndios florestais	2
Contaminação de aquíferos	1
Degradação dos solos	2
Desertificação	1
Incêndios urbanos e industriais	3
Acidentes em estabelecimentos industriais perigosos	3
Acidentes no transporte de substâncias perigosas	2
Colapso de estruturas (barragens, diques, pontes e viadutos)	3

Prioridades: 1 Muito Elevada; 2 Elevada; 3 Média; X Não prioritário

**IDENTIFICAÇÃO DAS REGIÕES POR NUTS**

NUT II	NUT III	CÓDIGO EU02
NORTE	Minho-Lima	111
	Cávado	112
	Ave	113
	Grande Porto	114
	Tâmega	115
	Entre Douro e Vouga	116
	Douro	117
	Alto Trás-os-Montes	118
CENTRO	Baixo Vouga	161
	Baixo Mondego	162
	Pinhal Litoral	163
	Pinhal Interior Norte	164
	Dão-Lafões	165
	Pinhal Interior Sul	166
	Serra da Estrela	167
	Beira Interior Norte	168
	Beira Interior Sul	169
	Cova da Beira	16 <sup>a</sup>
	Oeste	16B
	Médio Tejo	16C
LISBOA	Grande Lisboa	171
	Península de Setúbal	172
ALENTEJO	Alentejo Litoral	181
	Alto Alentejo	182
	Alentejo Central	183
	Baixo Alentejo	184
	Lezíria do Tejo	185
ALGARVE	Algarve	150

**Quadro III**

**TABELA DE VALORES MÁXIMOS DE REFERÊNCIA**

**Inventariação e cartografia de zonas de riscos relevantes**

Tipologia de Operações	Valores Máximos de Referência (por tipo de perigo e por município)
Avaliação da susceptibilidade	40.000
Avaliação da perigosidade	50.000
Avaliação da vulnerabilidade	50.000
Avaliação de risco	100.000
Criação ou actualização de planos de emergência de protecção civil	100.000

Notas: A avaliação da perigosidade pressupõe a avaliação prévia da susceptibilidade. A avaliação do risco pressupõe a avaliação prévia da vulnerabilidade e da susceptibilidade ou perigosidade.

Acções de informação e sensibilização direccionadas para o domínio da protecção  
civil

Tipologia de Operações	Valores Máximos de Referência (por acção)
Acções de divulgação e sensibilização no domínio da protecção civil	25.000